

Identificação do Objeto



Número: 96.006
Coleção: Museu do Zebu
Categoria do Acervo: Utensílios Domésticos
Classificação: Item de uso doméstico
Título: Candeia
Data e Modo de Aquisição: 13.08.1996 / doação
Código do Doador: 0077
Data atribuída: Segunda metade do século XX
Origem: Uberaba, MG
Material e Técnica: Ferro, fundição, moldagem e soldagem
Conservação: Regular
Dimensões: 36 x 9 Cm

Descrição e Dados Históricos do Objeto

A candeia é uma espécie de lamparina incandescente, alimentada a óleo e combustão, utilizada para manter e promover a iluminação em ambientes diversos. É uma espécie de compartimento ou base feita a partir de montagem em estrutura resistente, geralmente de metal, para abrigar algum tipo de objeto incandescente, como vela, tecidos e afins. É um instrumento de origem bastante antiga. Os primeiros registros históricos sobre a existência do tipo foram encontrados na região da Mesopotâmia Antiga desde os primórdios da formação das primeiras civilizações organizadas, há cerca de 4.500 a.C., o que, segundo especialistas, não elimina a possibilidade mais remota de uso de itens similares a esse. Os romanos e os outros povos do Mediterrâneo usavam a candeia (ou lucerna, quando a base é feita de modo tradicional em barro liso ou decorado). A palavra “candeia” vem diretamente do latim, onde sofreu poucas alterações com o passar dos tempos. Diferente do candil, que é uma lanterna suspensa e de origem árabe, o óleo usado tradicionalmente na Palestina antiga era o azeite proveniente das oliveiras, espécies muito abundantes na região. A diferença entre a candeia é que ela é transportável, enquanto o candil é pesado e ilumina, com vários pavios, a partir do alto. Esses tipos são ainda muito usados em alguns países do norte da África e do Oriente próximo. Nos templos católicos medievais, o lampadário que indica a presença do divino, era alimentado a azeite. Estudos atribuem a popularização do item à partir da transição da Idade Média para a Idade Moderna (entre os séculos XIV e XVI), quando os primeiros burgos ou cidades medievais surgiram na Europa até ocorrer o surgimento dos Estados Nacionais, na era da Renascença e Expansão Ultramarina. A Revolução Industrial permitiu alguns séculos de modificações intensas, tanto no modo de vida como na economia. Desde então, inúmeras invenções flertaram com a introdução de novas fontes de energia a partir do século XVII – entre elas, a invenção da energia elétrica em 1879 por Thomaz Edison. As lamparinas do tipo perderam lugar para a luz elétrica, que passou a iluminar as fábricas, as cidades, os lares e demais ambientes. No entanto, é importante considerar que a candeia (ou outras fontes de energia luminosa) não desapareceu completamente do cenário. Em todo o mundo, o objeto

encontrou resistência principalmente nas mais regiões afastadas dos centros urbanos e as zonas rurais. No Brasil, o uso das candeias foi tradicional entre as principais fazendas e vilas surgidas ainda nos tempos coloniais. Devido ao seu caráter prático e habitual, a rusticidade do espírito agrário da sociedade brasileira desde os primórdios da sua formação política permitiu que esse e outros itens permanecessem no cenário cultural da população até perder parte do protagonismo para os anos vindouros da modernidade contemporânea e seus avanços tecnológicos. Esse objeto foi doado ao Museu do Zebu em 13 de agosto de 1996 por Manoel Teodoro (dados e referências pessoais não registrados ou identificados). Acredita-se que tenha sido confeccionado a partir da segunda metade do século XX e que possua ligação com famílias que, de modo direto ou indireto, estão (ou estiveram) ligadas à pecuária zebuína no Triângulo Mineiro. Sua composição é feita a partir do ferro (moldagem e fundição) repartido em partes adaptadas a uma base em formato côncavo, onde a vela (ou outro gênero inflamável) deve permanecer em combustão, preso por um cabo que está fixado a uma haste pontiaguda para permitir o transporte e/ou fixação do mesmo. Além dos fatores citados sobre a origem, a relevância histórica do item está ligada à riqueza da esfera cultural nas fazendas ou recantos rurais, em cujo habitat o zebu encontrou o melhor modo de se adaptar e desenvolver no Brasil, desde o final do século XIX.